

ENSINANDO FILOSOFIA PARA ESTUDANTES DE LETRAS: EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NO ENSINO SUPERIOR

TEACHING PHILOSOPHY FOR UNDERGRADUATE STUDENTS IN LANGUAGES: PEDAGOGICAL EXPERIENCE IN HIGHER EDUCATION

Amanda Caroline Marques Lobato¹, Ana Beatriz Gomes Pinheiro¹, Daniel Silva Lima¹, Edivan dos Santos Gomes¹, Gerlandia Santos Chagas¹, Gustavo Nunes da Conceição¹, Juliana de Souza Gomes¹, Lucas Nascimento Costa¹, Manoel Raimundo dos Santos Neto¹, Mateus da Silva Rodrigues¹, Pietra Sangel Salgado¹, Renata Cibelle da Silva Mota¹, Rivaldo Ramos Lindemeyer¹, Shelda Lima Vales Oliveira¹, Vitória Maria Melo dos Santos¹, Ydoreh Gomes Borges¹, Rafael César Pitt².

1. Discente do Curso de Licenciatura em Letras/Inglês da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Campus Marco Zero do Equador.
2. Docente do Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Campus Santana.

*Autor correspondente: rafaelpitt@gmail.com

Recebido: 31/08/2017; Aceito 24/10/2017

RESUMO

Está espalhada pelas grades curriculares brasileiras dos cursos de graduação a disciplina “Introdução a Filosofia”. Contudo, esta disciplina é ofertada para discentes de áreas muito diferentes da Filosofia. O objetivo deste relato é mostrar como foi feita uma experiência pedagógica cujo mote foi dialogar com discentes externos ao curso de Filosofia no sentido de evitar “introduzi-los” ao universo filosófico - ao contrário – nosso norte foi estabelecer uma ponte naquilo que a Filosofia pôde lhes acrescentar à sua área acadêmica de origem. A metodologia consistiu em ler a obra *Poética* de Aristóteles como referência histórica de Teoria Literária para, em seguida, aplicá-la como régua ao estudo do imortal *Édipo Rei* de Sófocles. O público-alvo desta experiência pedagógica foi uma turma de calouros do curso superior Letras-Inglês (2017) da Unifap – Campus Marco Zero. O resultado obtido foi um aprendizado interdisciplinar legítimo, como pontos de diferenças e semelhanças, sem redução ou sobreposição de conteúdos filosóficos ou literários. A conclusão é que os professores de Filosofia no ensino superior possuem muitas chances de construir laços positivos com discentes de diversas áreas, aumentando assim a eficiência pedagógica ínsita da profissão.

Palavras-chave: Filosofia; Ensino; Letras; Aristóteles; Sófocles.

ABSTRACT

The discipline "Introduction to Philosophy" is spread throughout the Brazilian syllabus of undergraduate courses. However, this discipline is offered to students from very different areas of Philosophy. The purpose of this report is to show how a pedagogical experience was made, in which the motto was to dialogue with students outside the Philosophy course in order to avoid "introducing" them to the philosophical universe - on the contrary - our north was to establish a bridge on what Philosophy could add to their original academic area. The methodology consisted in reading The Poetics of Aristotle as historical reference to Literary Theory and then applying it as a rule to the study of the immortal Sophocles' Oedipus King. The target public for this pedagogical experience was a group of freshmen from the higher education (2017) of Unifap - Marco Zero Campus. The result was a legitimate interdisciplinary learning, as points of differences and similarities, without reducing or overlapping philosophical or literary contents. The conclusion is that Philosophy

professors have many chances to build positive ties with students from different areas, thus increasing the pedagogical efficiency of the profession.

Keywords: Philosophy; Teaching; Languages; Aristotle; Sophocles.

1. INTRODUÇÃO

O ensino de algo a alguém é um dos pontos mais velhos da Filosofia. Pitágoras já se ocupava deste assunto quando formou sua escola. Sócrates pouco depois não fez mais do que ensinar aquilo que era mais importante: aprender a aprender a verdadeira sabedoria. Aristóteles disse que o aprender por imitação é natural do homem e compraz. Agostinho chamou a atenção para o papel da graça no conhecimento – Rousseau, a atenção para a infância – Kant, para a liberdade.

Com um passado tão maravilhoso como este seria temerário abordar filosoficamente o ensino. Seria preciso problematizá-lo pelo olhar do educador, sua metodologia, sua formação e seus resultados esperados. Em complemento, seria preciso considerar o educando, sua capacidade original, seu tempo e suas condições de aprendizagem. Por fim, poderíamos ainda suscitar um debate sobre a natureza social da educação, seu papel na vida do indivíduo e da cultura.

Não há espaço para esta hercúlea tarefa aqui. Propomos, outrossim, levantar uma questão pequena, porém relevante, para os profissionais da educação do ensino superior brasileiro na área da Filosofia. O que é mais importante quando, por cumprimento de grade curricular dos cursos de graduação, ofertamos

a disciplina “Introdução a Filosofia” aos discentes de áreas distintas da Filosofia?

Para que fique claro, esta questão aqui levantada não faz tábula rasa do trabalho que já foi feito por bons profissionais nacionais da educação. Apesar do foco privilegiado em ensino de filosofia para o ensino médio, é de grosso calibre as investigações e respostas obtidas por pedagogos filósofos como Sílvio Gallo [1], Sérgio Adas [2], Lídia Maria Rodrigo [3] dentre outros. O que tipifica nosso debate é que, mesmo considerando as diversas técnicas, habilidades e teorias do ensino de filosofia, o que será que é mais *pertinente*: ensinar Filosofia por ela mesma ou ensinar Filosofia em vista de outrem?

Note que sutilmente evitamos aquela velha e salutar questão, a saber, se mais vale a pena ensinar Filosofia ou ensinar a filosofar, para, num leve desvio do olhar, nos fixar mais nas experiências práticas de ensino que dispomos pelo ofício nos cursos de graduação (em especial dentro da Unifap). Trata-se de um questionamento talvez muito localizado, possivelmente para o leitor professor de outra universidade, irrelevante. Todavia, é legítimo na medida em que consideramos uma base comum curricular em rede nacional e, também, reconhecemos que o ensino de Filosofia é uma tarefa histórica compartilhada por centenas de professores brasileiros que, independente de

suas realidades institucionais e regionais, se deparam com desafios pedagógicos *prima facie* instigantes.

Quando lecionamos Introdução a Filosofia nos cursos de graduação da Unifap logo descobrimos que, para este alunado “não-filosófico”, a disciplina carece de algum tipo de justificativa para sua existência. Exemplos: os discentes de Física questionam o porquê de ofertar este conteúdo para eles tendo em vista que precisam quase que estritamente de habilidades de cálculo. Os discentes de Relações Internacionais não aceitam com facilidade o argumento de que a Filosofia, por sua antiguidade, oferece boas referências para questões complexas da história recente. Os discentes de Enfermagem lamentam por entrarem no curso de seu interesse e serem obrigados a estudar um conteúdo que, desde o ensino médio, não lhes atraía.

O professor que se ocupa de cativar minimamente a turma para uma saudável experiência de introdução a filosofia se questiona, ao fim do primeiro dia de aula, o que ele irá fazer para vencer ou diminuir a resistência do alunado posto (não tão pacificamente) sentado a sua frente.

Com este quadro em mente realizei uma experiência de ensino de Filosofia para discentes do curso de Letras-Ingês. No primeiro dia de aula expus para eles este problema prático que permeia nossas relações de aprendizagem e fiz a seguinte proposta: ao invés de ensinar Filosofia “pura”, iria buscar uma obra que representasse para eles (de

Letras) e para mim (de Filosofia) um ponto de união, de síntese de dois mundos. Esta obra deveria abranger tanto uma área fundamental das Letras, como é a Teoria Literária, e também uma área fundamental da Filosofia, como é a Estética. A obra escolhida por mim foi a *Poética* de Aristóteles.

Combinamos de ler esta obra como se lê um manual para o teatro grego. Ou seja, leríamos este livro retirando dele todos os preceitos, fórmulas, orientações e regras que o estagirita conferiu ao modelo grego de tragédia. E depois que tivéssemos feito este apanhado conceitual daríamos um passo adiante: aplicaríamos este maquinário aristotélico a uma obra literária clássica, consagrada, para testar a teoria na prática. Optamos então por *Édipo Rei* de Sófocles que, por sua perfeição estética, seria uma escolha segura para a turma de calouros e o professor em sua jornada pedagógica.

O presente texto contém o relato desta experiência de ensino direcionado da Filosofia para alunos de Letras e apresenta, a seguir, os materiais e métodos utilizados seguido dos resultados e discussões elaborados pelos próprios discentes.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Esta experiência de ensino foi administrada para uma turma relativamente pequena, em torno de 20 discentes. A maioria deles era de calouros recém-egressos na

universidade e apenas dois deles eram alunos de semestres avançados. A faixa etária média da classe foi de 19 anos e a maioria deles era oriunda de escolas públicas. A turma estuda no Campus Marco Zero do Equador, em Macapá, Amapá.

As edições utilizadas com esta turma foram duas diferentes traduções da *Poética* de Aristóteles e uma versão do *Édipo Rei* de Sófocles. As edições da *Poética* foram a bilíngue de Eudoro de Souza [4] e a tradução do inglês para o português seguida por notas de Ana Maria Valente [5]. Na medida do possível, as duas versões foram cotejadas entre si de modo a fomentar as particularidades de leitura e interpretação do texto. Já com texto da peça de Sófocles optamos por seguir um relato mais literário do que teatral a fim de facilitar o acesso ao drama da história, nosso objetivo principal. Assim, seguimos a trajetória de *Édipo Rei* recontada por Menelaos Stephanides [6] com tradução de Janaína Potzmann e notas de Luiz Alberto M. Cabral.

Nossos encontros foram semanais, entre 26 de abril de 2017 a 05 de julho do mesmo ano, sempre às quartas-feiras, das 19:00 h até as 21:30 h. Cada um dos alunos recebeu uma cópia da *Poética*. Como este livro é composto de 26 capítulos, dividimo-lo em três sessões de leituras em sala com voz alta. Assim poderíamos ter um acompanhamento mais próximo ao autor e superar as dificuldades de interpretação no momento mesmo em que aparecessem.

Esta metodologia de leitura acompanhada se mostrou extremamente eficiente. Na verdade, sem ela é cabível dizer que esta experiência teria fracassado. É perceptível pelas participações dos discentes que a leitura de um texto de gênero até então desconhecido acarreta questionamentos e dificuldades para os não-iniciados dificilmente previsíveis para o professor atencioso. Seguindo estes passos, e permitindo que o discente manifeste no momento suas dúvidas, é possível alimentar o interesse e a dedicação do mesmo pelo trabalho proposto, uma vez que ele percebe que está no mesmo passo que o professor e os colegas de classe.

Para dar maior consistência ao trabalho de leitura dos discentes, o professor foi paralelo às aulas presenciais preparando um resumo da obra que semanalmente era exposto aos discentes como um roteiro do que já tinha sido lido até então. Este reforço pedagógico também foi uma ferramenta importantíssima para o sucesso da experiência porque ele permitia que o professor, no início de cada aula, fizesse um breve resumo do conteúdo do livro já lido por todos.

Este reforço da memória, na verdade, é uma chave para qualquer trabalho de aprendizagem por etapas. Somente quando os discentes sentem que as etapas iniciais foram bem cumpridas e formaram um solo firme é que eles sentem segurança para dar os próximos passos dentro do processo. Neste sentido, o professor precisa ir várias vezes do ponto de partida até o ponto no qual se

encontram, para lembrar e reforçar o conteúdo já assimilado. De certa maneira, a aprendizagem é uma estória que se aprende com vistas a um fim útil.

Ao final da leitura da *Poética* a turma tinha diante de si o roteiro teórico de Aristóteles para poetas trágicos. Em outras palavras, os participantes da experiência aprenderam aquelas que são, para Aristóteles, os itens artísticos, as ferramentas de produção, as estratégias de raciocínio, as partes, os elementos e as chaves para que uma tragédia seja uma ótima tragédia. Chamamos carinhosamente todo este conjunto teórico de “ferramentaria filosófica” e nos dispomos a trabalhar uma matéria prima com ela.

Esta matéria prima, que na verdade é uma obra prima, é o *Édipo Rei*. E neste ponto da experiência sentimos juntos certa sensação de lazer, para não dizer mesmo de alívio. Parecia para todos que o “trabalho duro” já havia sido feito, e que agora estávamos mais para o momento da “colheita” do que do “plantio”. De fato, nossas aulas se revestiram de caráter desportivo, uma espécie do clube do livro onde iríamos entrar em contato com algo que, no fundo, já nos pertencia e do qual gostávamos.

E realmente a leitura da tragédia sofocliana foi muito agradável. Os discentes se sentiram muito livres para falar da peça, comentar as passagens dela, ir e vir na narrativa da história como se ela fosse (e o era) algo construído com um propósito e com uma técnica. Este propósito e esta técnica eram

conhecidos, pois foi justamente isto que nossa “ferramentaria” nos ensinou. E quando a terminamos de ler sentimos – não é exagero dizer – que aquela obra passou a fazer parte de nossas vidas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como deixamos antever no resumo e na introdução, nossa experiência se pautou por uma hipótese, a saber, que é mais importante estabelecer um vínculo filosófico com discentes interessados do que perpetuar o ensino de Filosofia, ainda que pura, a desinteressados. Trabalhando com discentes de Letras, escolhemos a *Poética* de Aristóteles como nosso referencial filosófico, e o aplicamos a um clássico da literatura, o *Édipo Rei* de Sófocles.

O resultado desta aplicação foi redigido pelos próprios discentes que assinam este relato e se concentrou em tópicos privilegiados segundo a *Poética*. Foram eles a definição e as condições para surgir o herói trágico e a situação trágica, as partes do enredo chamadas de nó e desenlace, os elementos dramáticos do caráter e pensamento das personagens, as condições do belo e os critérios de necessidade e verossimilhança. Por motivos de economia disponibilizamos abaixo somente o trecho produzido referente aos elementos estéticos da peripécia e do reconhecimento.

3.1 PERIPÉCIA E RECONHECIMENTO

Peripécia, segundo Aristóteles, configura-se na mudança da fortuna da personagem em sentido contrário ao que parecia indicado, sempre em conformidade com o verossímil e o necessário. No *Édipo Rei* de Sófocles, pode-se identificar três momentos de peripécia neste mito, cada momento com duração e complexidade maior em relação ao anterior.

Ao saber que a maldição que lhe foi rogada havia se tornado uma profecia, Laio, temendo o seu cumprimento, decide abandonar o filho à própria sorte, furando os pés da criança e entregando a mesma para um pastor de confiança com ordem de abandoná-la para morrer. Porém este servo, movido pela compaixão, não obedece tal ordem e entrega o bebê a outro pastor que promete levar a criança pra Pólipo e Mérope, rei e rainha de Corinto, que não tinham filhos. Graças a esses dois pastores, o bebê que seria morto tem a sua fortuna mudada e agora possui um lar e pode continuar a viver como um membro de uma família nobre. Assim constrói-se a primeira peripécia neste enredo.

Édipo cresce e já adulto vem a saber da profecia que marca sua existência. Bom filho e movido pelo amor a Pólipo e Mérope decide fugir de Corinto. Esta fuga, que tem como objetivo rejeitar seu negro destino, terminará por cumpri-lo integralmente. E ao fugir de Corinto para não casar-se com a própria mãe e matar seu próprio pai, acaba por encontrar seu

progenitor verdadeiro (Laio) em uma encruzilhada. Provocado por este, Édipo entra em conflito armado e derruba Laio da carruagem, vindo então a matar seu legítimo pai sem consciência disto.

Ignorando cumprir uma das partes da profecia que ele tanto temia, nosso herói prossegue em direção a sua cidade natal, Tebas. Ao chegar depara-se com uma esfinge que está assolando a cidade. Monstro terrível, a esfinge estraçalha os inimigos que não conseguem resolver o enigma que ela lança sobre eles. Édipo, movido por sua coragem, a enfrenta, e provido de sua boa inteligência, soluciona o enigma e derrota a esfinge, tornando-se o salvador de Tebas.

Enquanto Édipo derrotava a esfinge, chega aos ouvidos de Creonte, irmão de Jocasta, rainha de Tebas, a notícia da morte do rei Laio. Preocupado com este novo problema, além da esfinge que já causava muitos danos a cidade, Creonte resolve propor uma solução unificada: a quem derrotar a esfinge caberá herdar o trono e a rainha. O povo tebano concorda com a proposta e, pouco tempo depois, Édipo chega a Tebas sendo recebido como o homem que derrotou a esfinge. Assim, ele deixa de ser um estrangeiro sem lar e torna-se rei e salvador aclamado da cidade. Percebe-se desta forma que mais uma peripécia acontece na peça, porém agora com duração de tempo média e, também, mais complexa que a anterior.

A maior e mais complexa das peripécias presentes nesse mito casa-se

gradualmente com a sucessão de reconhecimentos tramados por Sófocles. Esta sucessão acontece em quatro etapas, que dividiremos pelos seus tipos de reconhecimento em sua ordem cronológica dos fatos. Não por acaso, aqui encontramos em plena harmonia Sófocles e Aristóteles, isto é, naquilo que o estagirita considera importante para tornar bela a tragédia, a saber, as tragédias que casam a peripécia ao reconhecimento aumentam o poder de causar o terror e a piedade, provocando assim o desejado efeito da catarse.

Na descrição do filósofo, reconhecimento é a passagem da ignorância ao conhecimento, do desconhecido para o conhecido. Édipo está em busca de conhecer algo, a saber, quem é o responsável pela morte de Laio. O motivo que o impulsiona a querer descobrir isto é que Tebas está, mais uma vez, passando por problemas. Desta vez, pior do que uma esfinge que devora as pessoas, é um mal desconhecido que mata anciãos e jovens, animais e plantas, infertiliza o solo e as mulheres. Um verdadeiro miasma assola Tebas e, segundo o oráculo, tal mal não será expurgado enquanto não se descobrir e expulsar o assassino de Laio. Édipo, que então já havia se casado com Jocasta (sua mãe biológica), tido quatro filhos com ela e governado Tebas como um rei zeloso e exemplar, se viu na obrigação de conhecer a verdade sobre a morte do rei anterior. Sua decisão de investigar o crime o conduzirá aos

quatro reconhecimentos em série que guiam o mito ao desfecho trágico.

O primeiro reconhecimento, que se aliará à peripécia gradual da trama, é posto quando Jocasta começa a revelar a Édipo mais detalhes da morte de Laio, fato que ocorreu em uma encruzilhada no caminho para Delfos. Isto faz Édipo lembrar-se de sua luta e vitória nesse mesmo local anos atrás. Essa informação, somada à descrição dos atributos físicos de Laio como parecido com Édipo, faz com que seja despertado na personagem aquilo que Aristóteles chama de reconhecimento pela memória. Neste tipo de reconhecimento a personagem passa a conhecer algo ao obter evidências que se encaixam com as informações que a mesma guarda em sua memória.

O segundo reconhecimento acontece por sinais visíveis, como as cicatrizes nos pés de Édipo. Édipo, já perturbado pelas coincidências mencionadas por Jocasta, recebe um mensageiro de Corinto informando da morte natural do rei Pólibo. Desconfiado sobre a veracidade deste fato, o mensageiro vem a confessar a Édipo que ele próprio fora o pastor que, anos atrás, recebeu de outro pastor (aquele enviado por Laio), um bebê com os pés feridos. Neste caso, Édipo se vê como o próprio bebê que fora abandonado por Laio e condenado a morte, pois carregava as marcas da ferida em seus dois pés. Isto aumentou sua angústia na mesma medida que cresciam as chances de que ele, Édipo, não fosse filho de Pólibo, e sim de alguém de Tebas. A partir dessa informação,

Édipo então busca saber quem eram seus pais verdadeiros.

O terceiro tipo de reconhecimento é operado por silogismo. Premissa 1: Édipo matará seu próprio pai. Premissa 2: Pólibo morreu de causa natural. Conclusão: Logo, Édipo não é filho de Pólibo. Com base no relato do mensageiro de Corinto, Édipo toma conhecimento que não era filho de Pólibo e Mérope, logo, se houvesse permanecido em Corinto não poderia ter cumprido a profecia. Há uma chance ainda de redenção do herói. É possível que ele não seja filho de Pólibo, mas também não seja filho de Laio. Esta derradeira possibilidade de se salvar somente será confirmada com a chegada daquele pastor fiel a Laio que levou a criança com os pés feridos para a morte e que depois a entregou para a adoção.

Então aqui temos o quarto reconhecimento. Ele acontece segundo o critério de excelência de Aristóteles, isto é, o reconhecimento por necessidade interna do enredo. Chamado para depor ao rei, o velho pastor admite que aquele bebê de pés feridos e que veio a se tornar rei de Tebas era, sim, filho de Laio e Jocasta. Então, todas as dúvidas se dissipam, e Édipo reconhece que ele, julgando seguir seu caminho de forma livre e digna, cumpre desafortunadamente todo seu negro destino: matar Laio, seu pai, rei de Tebas, desposar a rainha, Jocasta, sua mãe, e ter filhos que são também seus irmãos, ações condenáveis aos olhos dos deuses e dos homens.

O final é catastrófico. Identificado com o miasma que afligia Tebas, Édipo busca Jocasta e a encontra enforcada em seu quarto. Em atitude de resignação e revolta, o condenado herói fura os próprios olhos com os alfinetes das vestes da mãe. Cego, Édipo sai do quarto para o salão do palácio e falando com Creonte, profere sua própria sentença: que seja condenado a vagar cego pela vida e após ela, pária entre os homens e entre os deuses, infeliz neste mundo e no próximo, indigno de ver seus pais e seus súditos nesta vida e na outra.

A obra trata de forma muito eficiente a questão do terror e da piedade, pois nos apresenta um herói que não é muito bom e nem muito mau. Édipo é um homem valoroso, mas colérico, ou seja, possui virtudes e defeitos o que o faz crível, verossímil para a plateia, que pode se reconhecer no herói. O que ocorre a Édipo poderia vir a ocorrer com qualquer um, o que desperta a compaixão pelo herói. Todos os acontecimentos da vida de Édipo, sobretudo aqueles que levaram a sua ascensão e queda, foram frutos de erro, não intencionais, o que isenta Édipo de culpa, pois o mesmo sofre com a mudança de sua fortuna sem merecê-la. Acompanhando a inocência da personagem rumo ao seu fim trágico a plateia sente o terror ao presenciar a fraqueza dos homens diante do destino escolhido pelos deuses.

4. CONCLUSÃO

A conclusão desta experiência é que é possível ensinar Filosofia para discentes de

áreas externas ao curso de Filosofia sem perder de vista tanto a especificidade da área dos discentes quanto do professor. O diálogo interdisciplinar, tantas vezes anunciado, é possível quanto partimos de um ponto em comum (o livro de Aristóteles) para um objetivo em comum (avaliar a peça de Sófocles). Neste percurso, cada diferença oriunda das Letras ou da Filosofia não é um obstáculo, mas uma chance a mais para abrir o caminho da aprendizagem.

Por extensão poderíamos imaginar que, para um professor afeito ao sucesso de nossa experiência, o entendimento claro da física aristotélica e da física newtoniana seria suficiente para ensinar Filosofia com largo apreço dos discentes dos cursos de Física. Pois seria possível ler a *Metafísica* daquele e os *Principia* deste à luz de um fenômeno comum, como a luz ou o movimento, por exemplos.

Igualmente um professor de Filosofia que compreendesse a novidade da proposta kantiana do direito universal teria plenas condições de ensinar Filosofia para discentes do curso de Relações Internacionais à luz de questões contemporâneas, como o terrorismo por exemplo. E por fim, para um professor conhecedor de Bioética, seria cabível despertar o interesse dos alunos de Enfermagem com poucas dificuldades.

Concluimos que a tarefa de ensinar Filosofia no Brasil enfrenta dificuldades pontuais que são sim graves, como a falta de uma cultura filosófica na sociedade e mesmo a

corrente imediatista que cobre imensa parte de nossa juventude. Mas reconhecemos também que não precisamos agir como Atlas e carregar o peso do mundo em nossas costas, assim como podemos ser mais ambiciosos do que o bem-te-vi que carrega sozinho água no bico para apagar o incêndio da floresta. Neste assunto, como em outros, permanecemos com Hipócrates: “A vida é breve, a arte é longa, a oportunidade passageira, a experiência enganosa, e o julgamento difícil”.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] GALLO, S.; CORNELLI, G.; DANELON, M. (Orgs.). **Filosofia do ensino de Filosofia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. (Vol. VII).
- [2] ADAS, S. **Propostas de trabalho e ensino de Filosofia: Especificidade das habilidades, eixos temático-históricos e transversalidade**. São Paulo: Moderna, 2012.
- [3] RODRIGO, L.M. **Filosofia em sala de aula: Teoria e prática para o ensino médio**. Campinas, SP: Autores Associados, 2009. (Coleção formação de professores).
- [4] ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução de Eudoro de Souza. São Paulo: Ars Poética, 1993.
- [5] ARISTÓTELES. **Poética**. Prefácio de Maria Helena da Rocha Pereira. Tradução e notas de Ana Maria Valente. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.
- [6] STEPHANIDES, M. **Édipo**. Tradução de Janaína R. M. Potzmann. Revisão técnica e notas de Luiz A. Machado Cabral. São Paulo: Odisseus, 2001